

(In)visibilidade do transtorno do espectro autista entre os cursos da área da saúde: um estudo descritivo

(In)visibility of autism spectrum disorder among students in the health area: a descriptive study

Milena Babugia Pinto,¹ Vinicius Taekeshi Ebihara,¹ Kamilly Vitória de Siqueira,¹ Bianca Gonçalves Castilho,¹ Carmem Patrícia Barbosa¹

RESUMO

Objetivo: analisar o conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre os acadêmicos das áreas de saúde e psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e avaliar a inclusão da humanização nos cursos. **Métodos:** universitários de seis cursos responderam a um questionário para avaliar a abordagem do TEA durante a graduação e as experiências dos estudantes em relação à temática. Análises descritivas das variáveis quantitativas e qualitativas foram realizadas, incluindo o estudo de frequências e a elaboração de gráficos. **Resultados:** a amostra analisada não apresentou divergência ($p > 0,05$). No total, 99,3% dos avaliados consideraram o TEA um assunto importante, porém apenas 4,3% afirmaram ter adquirido conhecimentos suficientes durante a graduação. Mais de 40% dos estudantes do primeiro ano afirmaram que o assunto foi abordado de forma superficial. Contudo, nos cursos de Medicina, Odontologia e Psicologia, houve aumento do conhecimento sobre determinados conceitos do transtorno. Comparando os primeiros e os últimos anos dos seis cursos analisados, em cinco deles houve um aumento médio de 10% na insegurança ao lidar com essa população. Os alunos do primeiro ano de Medicina obtiveram o menor nível de conhecimento acerca do TEA ($2,97 \pm 1,84$), sendo a pior média entre os cursos. **Conclusão:** recomenda-se uma revisão curricular dos cursos para suprir a deficiência na abordagem do TEA durante a graduação.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; transtornos do neurodesenvolvimento; universidades; estudantes de Ciências da Saúde; inclusão escolar; conhecimentos, atitudes e práticas em saúde.

ABSTRACT

Objective: Analyze knowledge about Autism Spectrum Disorder (ASD) among academics in the health area and Psychology at the State University of Maringá (UEM) and evaluate the inclusion of humanization in courses. **Methods:** University students from six courses completed a questionnaire to evaluate their approach to ASD during graduation and their experiences with the topic. Descriptive analyses of quantitative and qualitative variables were conducted, including frequency distributions and graphs. **Results:** The analyzed sample showed no divergence ($p > 0.05$). 99.3% of participants considered ASD an important subject, but only 4.3% reported having acquired sufficient knowledge during their undergraduate studies. More than 40% of first-year students stated that the subject was covered superficially. However, in Medicine, Dentistry, and Psychology courses, there was an increase in knowledge of specific concepts related to the disorder. Across the first and last years of the six courses analyzed, five showed an average 10% increase in insecurity in dealing with this population. First-year Medicine students had the lowest level of knowledge about ASD (2.97 ± 1.84), the lowest average across courses. **Conclusion:** A curricular review of the courses is recommended to address the deficiency in addressing ASD during graduation.

Keywords: autism spectrum disorder; neurodevelopmental disorders; universities; students, health occupations; mainstreaming, education; health knowledge, attitudes, and practice.

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Maringá (PR), Brasil.

Autora correspondente: Carmem Patrícia Barbosa

UEM – Av. Colombo, 5.790, Zona 7, CEP.: 87020-900 – Maringá (PR), Brasil.

E-mail: cpbarbosa@uem.br

Recebido em 15/04/2024 – Aceito para publicação em 04/02/2026.



INTRODUÇÃO

A Universidade Estadual de Maringá (UEM), segundo dados de 2018 publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), foi classificada como a 6ª melhor universidade estadual do Brasil e a 2ª melhor do Paraná.¹ Apesar da relevante avaliação da qualidade de ensino da UEM, um levantamento sobre humanização na grade curricular dos cursos da saúde das universidades do Paraná evidenciou que, em 2019, não existiam disciplinas curriculares voltadas a esse tema na UEM.² Nesse sentido, constata-se certa carência em ensinar o discente a se comunicar efetivamente e a construir relações interpessoais de qualidade em seus atendimentos.³

Segundo a Resolução nº 569 das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2017), é de responsabilidade das Instituições de Ensino Superior (IES) preparar os futuros profissionais da saúde, independentemente da atuação, com base em temas transversais que envolvam conhecimentos acerca de transtornos e deficiências, incluindo os diversos aspectos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), como formação política e desenvolvimento de técnicas de comunicação, escuta e empatia. Contudo, apesar do aumento contínuo de estudantes com TEA nas universidades,⁴ estudos como o de Camelo *et al.*,⁵ feito com acadêmicos de enfermagem, evidenciam o escasso conhecimento e conscientização acerca do transtorno ao longo da graduação, associando-se a uma formação de baixa qualidade.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5),⁶ o TEA é considerado uma síndrome neuropsiquiátrica, classificada entre os transtornos globais do desenvolvimento. Entre suas manifestações diagnósticas, destacam-se o déficit de comunicação verbal e não verbal, de interação social e os distúrbios sensoriais. Embora tais sintomas se desencadeiem no início do desenvolvimento infantil, apresentam intensidades diferentes para cada pessoa autista.⁷

O DSM-5 categoriza o TEA em três níveis de comprometimento, que ajudam a identificar a necessidade de suporte dos indivíduos afetados: Nível 1, “exige apoio”: apresentam dificuldades nas interações sociais e na comunicação, porém de forma menos severa. Nível 2, “exige apoio substancial”: apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação verbal e não verbal, o que gera prejuízos sociais mesmo na presença de apoio. Nível 3, “exige apoio muito substancial”: apresenta graves prejuízos de funcionamento por déficits nas habilidades de comunicação social e extrema dificuldade de lidar com mudanças.⁸

Dados epidemiológicos mostram que há evidente escassez de informação em relação à taxa de prevalência do TEA no Brasil, estimando-se algo em torno de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes.⁹ Neves, Buss e Beck,¹⁰ em levantamento nos estados do sul do Brasil, constataram que a prevalência média é de 3,85/10.000 habitantes, sendo no Paraná 4,32/10.000.

Apesar da visível relevância do TEA, grande parte dos profissionais de saúde ainda compartilha do sentimento de insegurança para atuar profissionalmente com a população autista.

Montagner *et al.*¹¹ identificaram que os maiores empecilhos da equipe multiprofissional em atender as demandas de uma pessoa com autismo residem nas manifestações de agressividade, autoagressão, hipersexualidade, déficit de compreensão e comunicação. Tais fatores normalmente associam-se à falta de preparo da equipe, sendo comuns medo e poucas iniciativas de intervenção e cuidado.¹²

Assim, é frequente que os indivíduos com TEA sintam-se ameaçados, ansiosos, ignorados, humilhados, rejeitados, encurralados ou até mesmo controlados por profissionais de saúde.¹¹ Na contramão desse quadro, a humanização na saúde pode proporcionar um atendimento digno aos indivíduos com autismo, mesmo em ambientes que causem insegurança, como um consultório odontológico.¹³

Nesse contexto, este estudo objetivou compreender o conhecimento dos estudantes sobre o TEA e o nível de inclusão da humanização nos cursos de saúde e de Psicologia da UEM.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa foi previamente aprovada em conformidade com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, recebendo o CAAE nº 72981323.7.0000.0104. A mesma foi realizada como um estudo observacional, com delineamento transversal descritivo. Sua realização deu-se no Campus Sede da UEM, que atualmente oferece seis graduações na área da saúde: Biomedicina, Enfermagem, Farmácia, Educação Física, Medicina e Odontologia. Entre esses, foram selecionados cinco cursos (exceto Educação Física) e mais um curso da área de humanas (Psicologia), devido à sua íntima associação ao tema. A Educação Física foi excluída por não ser um curso integral, o que dificultaria a aplicação dessa metodologia pelos autores, mas deve ser incluída em estudos futuros.

Foram selecionados para o estudo os alunos dos primeiros e dos últimos anos de cada um desses cursos. Foram incluídos estudantes de ambos os sexos, regularmente matriculados e que assinaram voluntariamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos do estudo os universitários que não aceitaram participar da pesquisa por meio da assinatura voluntária do TCLE ou que não responderam ao questionário até a data estipulada.

Para a coleta de dados, foi desenvolvido um questionário composto por 14 questões (Anexo). O mesmo foi montado a fim de identificar aspectos como sexo, idade e curso, e também avaliar o nível de abordagem do TEA durante a graduação e a experiência dos estudantes quanto à temática. O questionário foi impresso e aplicado de forma presencial, durante as aulas de cada curso. Todavia, para os discentes do último ano em estágio, o questionário foi disponibilizado via formulário eletrônico no aplicativo Google Forms.

Após a aplicação dos questionários, os dados obtidos foram analisados qualitativa e quantitativamente através do programa GraphPad Prism 8, por meio de média e desvio padrão e comparação percentual, também sendo utilizado o



teste do qui-quadrado (*chi-square test*) para verificar possível discrepância da amostra, além do teste do qui-quadrado associado à contingência para analisar se as proporções observadas obtiveram ou não significância estatística.

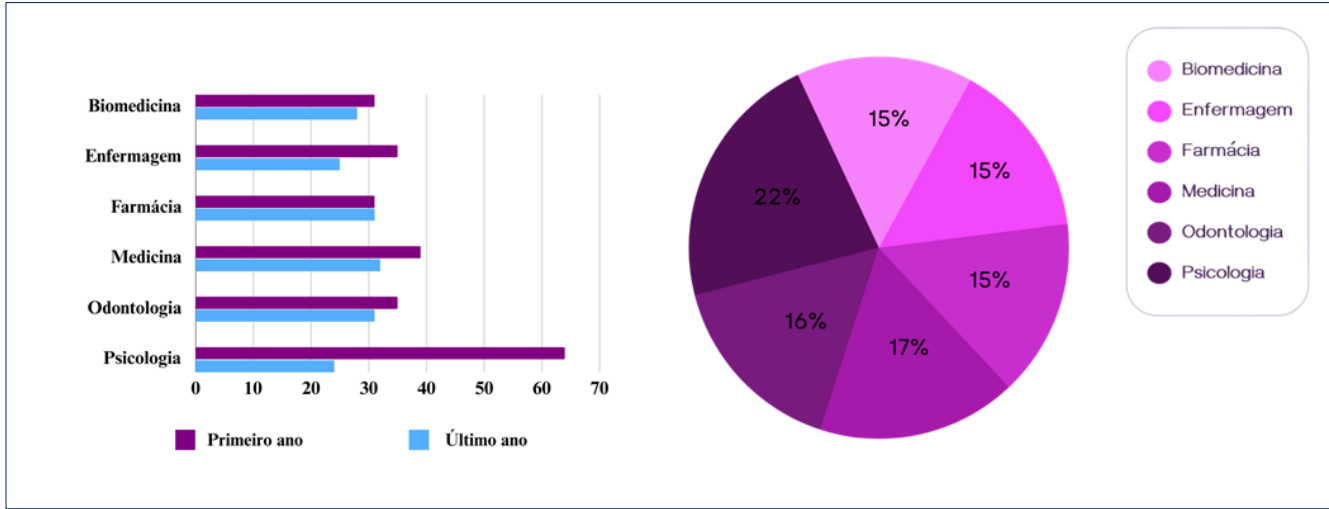
Para todos os testes, $p < 0,05$ foi considerado significativo. As respostas por extenso foram analisadas isoladamente, mas, com o intuito de respeitar as normatizações da revista, foi apresentado um resumo dos resultados que obtiveram maior frequência, bem como frases citadas com melhor estrutura que representavam a ampla maioria das respostas.

RESULTADOS

A pesquisa foi respondida por 406 estudantes da área da saúde e do curso de Psicologia. A amostra não apresentou discrepância significativa entre a representatividade de participantes de cada curso pelo teste do qui-quadrado (*chi-square test*) ($p > 0,05$).

A Figura 1 mostra a divisão percentual entre os cursos e a quantidade de alunos dos primeiros e dos últimos anos, conforme distribuição por curso. A média de idade dos entrevistados foi de 21 anos, com desvio padrão de 3,774 e coeficiente de variação de 17,92%.

Figura 1. Distribuição quantitativa dos alunos por curso e ano, e análise percentual dos participantes por curso.



Entre o público total avaliado, apenas 0,7% não consideraram o TEA um tema importante a ser abordado na graduação, e apenas 4,3% afirmaram ter adquirido conhecimento suficiente sobre o tema.

Nossos resultados mostram que estudantes do primeiro ano de todos os cursos afirmaram que informações sobre TEA foram abordadas de forma superficial: Medicina (65%), Psicologia (83%), Biomedicina (50%), Farmácia (48%), Odontologia (62%) e Enfermagem (40%) (Tabela 1).

Além disso, após análise das grades curriculares de cada curso disponibilizadas pela universidade, foi perceptível a ausência de temas diretamente relacionados ao assunto e, quando há uma relação, é de forma vaga e indireta, como a abordagem

do padrão do neurodesenvolvimento da criança em Medicina.

No curso de Medicina, 77% dos alunos do último período declararam que a graduação contemplou detalhes do conceito de autismo, e 94% afirmaram que houve instruções sobre o diagnóstico do transtorno.

Acerca da alternativa sobre terapias atuais, 13% dos alunos do último ano afirmaram ter participado de aulas sobre o assunto. Contudo, os alunos do primeiro ano não responderam a esse questionamento.

Quanto aos alunos do último ano de Psicologia, mais de 80% receberam informações ao longo da graduação sobre políticas públicas relacionadas ao transtorno (Tabela 1).

Tabela 1. Visão geral dos cursos quanto ao aprofundamento das informações adquiridas sobre o TEA. Dados expressos em percentual.

	Biomedicina		Enfermagem		Farmácia		Medicina		Odontologia		Psicologia	
	1º ano	Último ano	1º ano	Último ano	1º ano	Último ano	1º ano	Último ano	1º ano	Último ano	1º ano	Último ano

Alternativas n (%)

Foi abordado de forma superficial	28 (55)	23 (45)	31 (57)	23 (43)	28 (48)	30 (52)	35 (65)	19 (35)	31 (62)	19 (38)	53 (82)	12 (18)
Contemplaram-se detalhes sobre o conceito do autismo	-	6 (100)	3 (100)	-	2 (50)	2 (50)	3 (23)	10 (77)	5 (24)	16 (76)	78 (87)	12 (13)
Contemplaram-se detalhes sobre o diagnóstico	-	4 (100)	1 (100)	-	1 (50)	1 (50)	1 (6)	16 (94)	-	4 (100)	5 (36)	9 (64)
Ensinau sobre as terapias vigentes	-	-	-	1 (100)	1 (100)	-	-	13 (100)	-	3 (100)	4 (80)	1 (20)
Foi contemplada a questão das políticas públicas vigentes e em formação	-	-	-	1 (100)	-	-	-	1 (100)	1 (33)	2 (67)	3 (18)	14 (82)
Foi contemplada a dimensão familiar envolvida	-	1 (100)	1 (25)	3 (75)	1(100)	-	1 (14)	6 (86)	1 (8)	11 (92)	6 (38)	10 (62)
Foram contempladas as dificuldades da inclusão social	2 (67)	1 (33)	9 (60)	6 (40)	2 (62)	3 (38)	1 (8)	12 (92)	4 (18)	18 (82)	14 (44)	18 (56)

Esses resultados não são tão distintos dos analisados no curso de Farmácia, no qual 52% do último ano afirmou que o assunto foi abordado de forma superficial. Contudo, alunos de ambos os períodos afirmaram não ter recebido informações sobre políticas públicas relativas ao TEA. Além disso, 62% do primeiro ano alegaram ter adquirido informações sobre as dificuldades da inclusão social de indivíduos com TEA (Tabela 1).

No curso de Odontologia, nenhum estudante dos períodos selecionados declarou ter adquirido informações sobre o diagnóstico e terapias para indivíduos com TEA. No último ano, foi evidenciado um aumento do percentual de respostas sobre a abordagem do autismo durante as aulas, como os obstáculos para inclusão social, envolvimento familiar e políticas públicas sobre o assunto (Tabela 1).

Em relação ao curso de Enfermagem, as alternativas sobre informações de terapias e políticas públicas para indivíduos com TEA obtiveram as piores médias entre os alunos

do primeiro período (alternativas que nenhum aluno afirmou ter adquirido). Por outro lado, as piores médias do último ano foram referentes ao conceito e ao diagnóstico de autismo (Tabela 1).

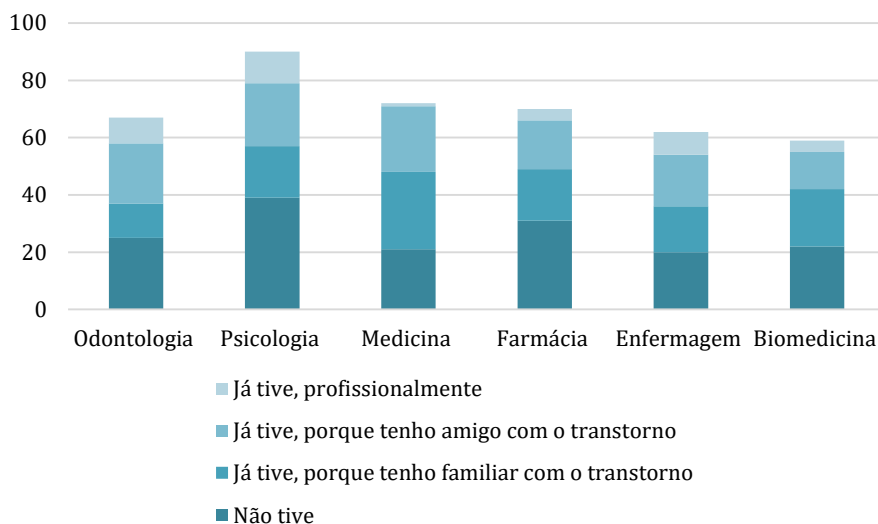
Além disso, 63% das respostas em geral evidenciaram que os entrevistados já tiveram contato com indivíduos com TEA, seja profissionalmente, por amizade ou por meio de familiares com o transtorno.

Ao observar o recorte por curso, é válido destacar que, no quesito de experiências profissionais, a Enfermagem foi a mais expressiva, com 19%, superando percentualmente outras graduações da área da saúde e Psicologia.

Por outro lado, na Medicina, apenas uma das 70 respostas indicou contato profissional com pessoa com TEA. Entretanto, esse curso apresentou o maior percentual (37%) de presença de membros da família com TEA. Por fim, os estudantes de Farmácia foram os que mais negaram qualquer tipo de contato com indivíduos com TEA (Figura 2).



Figura 2. Análise das experiências de contato dos entrevistados com a população autista por curso.



Após os alunos serem questionados se se sentiam seguros para atuar profissionalmente com a população autista, foi perceptível, após análise de contingência via teste do qui-quadrado (*chi-square test*), que os primeiro-anistas mostravam-se mais confiantes do que os alunos dos últimos anos.

Percentualmente, esse fato foi evidenciado pelo aumento médio de 10% na quantidade de respostas “não”. Porém, quando considerado isoladamente, o curso de Medicina foi uma exceção, pois apresentou um aumento de 26% na resposta “sim” (Tabela 2).

Tabela 2. Análise da resposta ao questionamento: “Sente-se seguro em atuar profissionalmente com a população autista?”

	1º ano		Último ano	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Cursos n (%)				
Biomedicina	11 (37)	19 (93)	6 (21)	23 (79)
Enfermagem	10 (29)	25 (71)	2 (8)	23 (92)
Farmácia	10 (32)	21 (68)	3 (10)	28 (90)
Medicina	2 (5)	37 (95)	10 (31)	22 (69)
Odontologia	5 (14)	30 (86)	4 (13)	27 (87)
Psicologia	10 (16)	54 (84)	4 (17)	20 (83)
TOTAL	48 (20)	186 (79)	29 (17)	143 (83)



Todo conteúdo desta revista está licenciado em Creative Commons CC By 4.0.

Nossos resultados também mostraram que, dos 406 estudantes entrevistados, a maioria reconhece a existência de estereótipos na população com TEA. Porém, em uma análise por curso, a Farmácia foi a que mais negou a presença de estereótipos.

Ademais, alguns entrevistados dissertaram sobre exemplos que consideravam estereótipos disseminados sobre o TEA. Diante disso, muitos referiram-se aos estereótipos sociais como “pessoas sem a capacidade de inclusão plena na sociedade ou de ter uma vida funcional”. Ainda nesse âmbito, estereótipos como antissociais, tímidos, introvertidos e introspectivos tiveram grande relevância na citação.

Outros estudantes focaram no desenvolvimento da pessoa autista, afirmando que “são pessoas com dificuldade de aprendizagem que vivem no mundinho delas”. Também houve afirmações referindo-se a altas habilidades ou incapacidade e atraso cognitivo. Além disso, a dificuldade de comunicação e verbalização foi pauta nas respostas, assim como a homogeneização do transtorno.

Por fim, comportamento instável, agressividade, irracionalidade, alterações sensitivas, hiperfoco, ecolalia, movimentos repetitivos e fixação por um tema foram citados.

Já em relação à percepção dos avaliados ante à capacidade de socialização dos indivíduos com TEA, houve um aumento (do primeiro para o último ano da maioria dos cursos) de 24% das afirmações favoráveis à possibilidade de inclusão social sem necessidade de nenhuma adaptação social.

Na Medicina, essa alteração foi a mais visível, já que, enquanto 46% demonstraram esse posicionamento no primeiro ano, 100% o demonstraram no último período. Apenas no curso de Farmácia houve aumento de respostas concordantes com a necessidade de adaptações sociais, o qual foi de 6%.

Não houve respostas que discordassem da possibilidade de inclusão.

Em relação ao conhecimento sobre os sintomas do TEA, observou-se um aumento de 23% nos últimos anos. O curso com maior expressividade foi o de Psicologia, pois as respostas afirmativas do último ano foram mais que o dobro em relação ao primeiro ano desse curso. Apenas nos cursos de Enfermagem, Farmácia e Medicina houve queda no conhecimento dos sintomas. O curso de Enfermagem destacou-se por uma queda de aproximadamente 68% quando o último ano foi comparado ao primeiro.

Em resposta à exemplificação acerca dos principais sintomas do TEA, os participantes que se julgaram conhecedores focaram principalmente nas alterações sensoriais. Ainda foram citados a introspecção, o hiperfoco, a hiperatividade e o déficit de atenção como sintomatologias comuns.

Ademais, dificuldade de comunicação, atraso na fala, falta de interação social, bem como sinais de resistência a mudanças, padronização de comportamentos alimentares e ordem ao brincar também foram mencionados.

Por último, alguns citaram características de altas habilidades ou inteligência, mas não houve exemplificação acerca dos níveis do espectro autista.

Por fim, quanto ao nível de conhecimento sobre o TEA, em uma escala de zero a dez, a Medicina apresentou o pior desempenho geral nos primeiros anos, mas obteve a melhor média geral nos últimos anos analisados.

Enfermagem, Farmácia, Odontologia e Psicologia obtiveram queda no nível de conhecimento do primeiro para o último ano; porém, o pior desempenho comparativo entre os anos foi o do curso de Enfermagem, uma vez que apresentou uma redução de 0,55 na média (Tabela 3).

Tabela 3. Respostas dos alunos quanto ao conhecimento geral sobre o tema em uma escala de 0 a 10. Valores expressos em média (μ) $\pm$ desvio padrão (σ) e variância.

Cursos	1º ano		Último ano	
	Média ($\mu \pm \sigma$)	Variância	Média ($\mu \pm \sigma$)	Variância
Biomedicina	3,17 $\pm$ 1,7	53,8%	4,61 $\pm$ 2,18	47,38%
Enfermagem	4,17 $\pm$ 1,66	39,83%	3,7 $\pm$ 1,36	36,88%
Farmácia	4,06 $\pm$ 1,96	48,35%	3,77 $\pm$ 1,38	36,66%
Medicina	2,97 $\pm$ 1,84	61,94%	6,19 $\pm$ 1,55	25,12%
Odontologia	4,4 $\pm$ 1,24	28,21%	4,39 $\pm$ 1,48	33,64%
Psicologia	3,79 $\pm$ 1,76	46,43%	4,72 $\pm$ 1,67	35,41%



DISCUSSÃO

Desde a implementação da Lei nº 13.146/2015, que trata da acessibilidade de pessoas com deficiência à educação, o acesso desses indivíduos ao ensino superior aumentou.¹⁴ Contudo, garantir sua permanência nas instituições requer preparo da comunidade acadêmica para lidar com suas necessidades.¹⁵ Infelizmente, estudos como o de Paula *et al.*¹⁶ revelam que uma parcela significativa de estudantes não recebe informações adequadas sobre TEA durante a graduação, corroborando os dados de 95% dos estudantes avaliados no presente estudo.

Nossos resultados indicam que poucos alunos se consideram bem instruídos em relação ao diagnóstico e ao tratamento do TEA, em concordância com estudos como o de Campos *et al.*,¹⁷ que constataram que profissionais de saúde consideram ser este um tema abordado superficialmente. Essa falta de conhecimento prejudica a integração de autistas no ambiente acadêmico e ocasiona a formação de profissionais pouco capacitados para lidar com essa população, fato que impacta negativamente as experiências universitárias.¹⁸

Em conformidade com os nossos achados, a literatura evidenciou que a representação social do autismo englobava palavras como dificuldade, isolamento, doença e deficiência.¹⁹ Outros estudos pontuaram também a manutenção da visão de incapacidade sobre os deficientes, além de referirem diferentes conotações, tais como louco, atrasado e menos válido, por não se encaixarem no “padrão de normalidade” tabulado pela sociedade.^{20,21}

Segundo nossa pesquisa, ficou claro o reconhecimento, por parte dos entrevistados, de que os indivíduos com TEA podem e devem ser incluídos na sociedade. Apesar disso, a necessidade de adaptação foi divergente.

De acordo com Mello *et al.*,²² a inclusão é interdisciplinar, com objetivos delimitados e específicos para cada pessoa autista. Um estudo evidenciou a necessidade de adaptar o processo educacional para garantir o melhor desenvolvimento e a inclusão da criança com TEA. Nele, é exposta uma rotina assídua, envolvendo uma constante observação e escuta da equipe escolar e da família.²³

A literatura também aponta para a extensão de programas de apoio a estudantes com TEA no ensino superior, via mentores, grupos de apoio social e locais distintos para a realização de exames.²⁴

Assim, a preferência por uma inclusão ampla sugere a precariedade de conhecimento quanto aos níveis do TEA, uma vez que a completa inclusão depende do entendimento de que não há indivíduos com TEA iguais e que, diante das diferenças, cada um precisa de condições individualizadas de suporte.²² Isso vai ao encontro do princípio de equidade, que admite o atendimento desigual aos que são desiguais, ou seja, prioriza os que mais necessitam para alcançar, de fato, a igualdade.²⁵

Ademais, em contraste com os nossos resultados, o estudo de Dias *et al.*¹⁹ evidenciou que a maior parte dos estudantes refere sintomas ou impactos do TEA mais como um quadro de transtorno mental do que como um transtorno do neurodesenvolvimento, nos critérios do DSM-5.

Nosso estudo expôs que mais de 80% dos avaliados não se sentiam seguros para atender profissionalmente a população autista. Tal dado é concordante com um estudo de 2019, realizado com graduandos em Enfermagem, que demonstrou ser a falta de conhecimento a maior causa dessa insegurança e medo.²⁶ Esses sentimentos podem afastar ainda mais os futuros profissionais dessa comunidade.

Por fim, nosso trabalho evidenciou melhor autoavaliação do conhecimento no curso de Medicina em comparação aos outros cursos. Tal resultado assemelha-se ao do trabalho de Rezende *et al.*,²⁷ que demonstraram, por meio de um questionário respondido por médicos e enfermeiros da Atenção Básica à Saúde, que um maior número de acertos foi obtido por médicos, independentemente do tempo de atuação. Dessa forma, o fato de um recém-formado ter obtido desempenho tão bom quanto o de um profissional mais experiente indica que o aprendizado na graduação desse curso sobre o assunto foi satisfatório, como mostram nossos resultados.

No entanto, nosso estudo possui limitações, sendo a natureza autorrelatada dos dados a primeira delas. A ausência de perguntas que avaliassem de forma objetiva o conhecimento dos alunos restringiu uma análise menos subjetiva do nível de conhecimento.

Além disso, o escopo dos estudantes em relação ao tema pode ter interferido na avaliação do questionário, pois, por ser subjetivo, é possível que a expectativa quanto à abordagem do assunto tenha sido superior à disponibilidade de tempo, considerando uma grade curricular limitada.

Também há a questão da abordagem dos cursos em relação ao transtorno: possuem aprofundamentos distintos em aspectos específicos, que variam de acordo com a área de atuação profissional de cada um. Isso porque, apesar de todo serviço da saúde eventualmente se deparar com o atendimento a um paciente com TEA e, por isso, ser necessário aprender sobre o assunto, nem todos participam de forma tão direta no acompanhamento desse indivíduo, seja no processo de diagnóstico ou de tratamento.

Por fim, o estudo se restringiu à universidade pública. O serviço privado não foi abrangido, havendo, assim, a necessidade de mais trabalhos complementares, bem como em universidades estaduais e federais de outras cidades e estados.

CONCLUSÃO

A pesquisa revelou que, apesar de a maioria dos estudantes considerar o TEA um assunto importante a ser abordado durante a graduação, essa temática foi pouco discutida e, quando abordada, ocorreu de forma superficial.

Nota-se que os acadêmicos dos cursos avaliados nesta pesquisa estão finalizando sua formação sem segurança para atuar profissionalmente com a população autista, o que impacta negativamente a inclusão e o suporte humanizado a esse público. Assim, é imprescindível uma revisão curricular que assegure uma formação mais adequada para enfrentar os inúmeros desafios nessa área.



Conflitos de Interesse

Os autores declaram inexistência de conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação Anísio Teixeira. Indicadores de Qualidade da Educação Superior [Internet]. Brasília: Ministério da Educação; 2019 [acesso em 17 mar. 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior>
2. Corsino DLM, Sei MB. The humanization in the undergraduate curricular grades of health courses in Paraná's public universities. *Rev Psicol Saúde*. 2019;11(1):43-52. doi: 10.20435/pssa.v0i0.579.
3. Silva ACM, Sei MB. The humanization in the academic formation in health: perspective of graduates of an extension project. *Rev Psicol Saúde*. 2021;13(3):3-18. doi: 10.20435/pssa.v13i3.1269
4. Oliveira AFTM, Santiago CBS, Teixeira RAG. Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. *Educ Pesqui*. 2022;48:13-27. doi: 10.1590/S1678-4634202248238947por.
5. Camelo IM, Camelo EC, Neves KRT, Aragão GF. Nursing students' perception of autism. *Enferm Foco*. 2021;12(6):1210-6. doi: 10.21675/2357-707X.2021.v12.n6.4890.
6. Cordioli AV, Kieling C, Silva CTB, Passos IC, Barcellos MT, editores. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.5. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2014. p. 50-57.
7. Souza AR, Gonçalves DM, Cunha DRS. Transtorno do espectro autista: uma introdução. Seminário científico e cultura da AJES Faculdade do Norte de Mato Grosso [Internet]. 2019 [acesso em 27 jan.2024]; [aproximadamente 4 p.]. Disponível em:https://eventos.ajes.edu.br/seminario-cientifico-e-cultural-da-ajes/uploads/arquivos/5e6ac0c32753f_INTRODUO-TEA-.pdf
8. Susan E, Swedo MD. Transtornos do neurodesenvolvimento. In: American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5-TR: texto revisado. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2023. p. 100-35.
9. Pinto RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Neto VLS, Saraiva AM. Infantile autism: impact of diagnosis and repercussions in family relationships. *Rev Gaúcha Enferm*. 2016 [acesso em 12 abr.2024];37(3):1-9. doi: 10.1590/19831447.2016.03.61572.
10. Neves JH, Buss LHM, Beck RG. Prevalence of autistic spectrum disorder data in the city of Armação-SC [trabalho de conclusão de curso na Internet]. 2021 [acesso em: 20 mar. 2024]. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/14049>
11. Montagner J, Santiago È, Souza MGG. Professional interaction difficulties with autistic children of an educational institution for children with autism. *Arq Ciênc Saúde*. 2007;14(3):169-74.
12. Silva SA, Lohmann PM, Costa AEK, Marchese C. Knowledge of the interprofessional team about child autism. *Res Soc Dev*. 2019;8(9):1-18.
13. Kessamiguiemon VGG, Oliveira KDC, Brum SC. ASD - Dental care: case report. *Rev Pró-UniverSUS* [Internet]. 2017 [acesso em: 28 jan. 2024];8(2):67-71. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1173>
14. Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União [Internet]. 2015 [acesso em 1 abr. 2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm
15. Oliveira AFTM, Santiago CBS, Teixeira RAG. Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. *Educ. Pesqui*. 2022;48:13-27. doi: 10.1590/S1678-4634202248238947por.
16. Paula CS, Belisario Filho JF, Teixeira MCTV. Did students conclude undergraduate degree in psychology with a good training in autism? *Psicol Teor Prát*. 2016;18(1):206-221. doi: 10.15348/1980-6906/psicologia.v18n1p206-221.
17. Campos TF, Braga RGN, Moura LN, Queiroz ERB, Guedes TAL, Almeida LHA. Analysis of the importance of the qualification of health professionals for the management of Autistic Spectrum Disorder (ASD). *Res Soc Dev*. 2021;10(6):1-8. doi: 10.33448/rsd.v10i6.15667.
18. Shibuta V, Costa IF, Santos FP. Inclusão do autista no ensino superior público. *Psicol Saúde Debate*. 2021;7(2):1-11. doi: 10.22289/2446-922X.V7N2A1.
19. Dias CCV, Maciel SC, Silva JVC, Menezes TSB. Social representations about autism by university students. *Psico-USF*. 2021;26(4):631-43. doi: 10.1590/1413-82712021260403.
20. Saldanha AE. Concepts and differences between disability and autism spectrum disorder (ASD). *Sapientiae Rev Ciênc Soc Hum Eng*. 2015;1(1):143-61.
21. Seron BB, Souto EC, Malagodi BM, Greguol M. Sport for people with disabilities and the anti-ableist fight - from stereotypes about disability to valuing diversity. *Movimento*. 2021;27:e27048. doi: 10.22456/1982-8918.113969.
22. Mello AG. Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2014.
23. Dias SA, Henrique KEN. Adaptation of materials and activities for a child with autism spectrum disorder: collaborative work in the educational process. *Rev Assoc Bras Ativ Mot Adapt*. 2018;19(1):27-38. doi: 10.36311/2674-8681.2018.v19n1.03.p27.
24. Aguiar CPC, Rauli PF. Inclusion challenges: the invisibility of people with autism spectrum disorder in higher education. *Rev Educ Esp* [Internet]. 2020 [acesso em: 4 abr. 2024];33:1-26. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>.
25. Paim JS, Silva LMV. Universality, integrality, equity and SUS. *Bol Inst Saúde BIS* [Internet]. 2010 [acesso em: 4 abr. 2024];12(2):109-14. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/33772>.
26. Ferreira ACSS, Franzoi MAH. Knowledge of nursing student about autistic disorders. *Rev Enferm UFPE on line* [Internet]. 2019 [acesso em: 3 abr. 2024];13(1):51-60. doi: 10.5205/1981-8963-v13i01a237856p51-60-2019.
27. Rezende LO, Petroucic RT, Costa RFA, Monteiro MA. Conhecimento sobre transtorno do espectro autista entre profissionais da atenção básica de saúde. *Manuscripta Med* [Internet]. 2020 [acesso em 3 abr. 2024];3:31-9. Disponível em: <https://manuscriptamedica.com.br/revista/index.php/mm/article/view/42>.

Como citar este artigo:

Pinto MB, Ebihara VT, Siqueira KV, Castilho BG, Barbosa CP. (In)visibilidade do transtorno do espectro autista entre os cursos da área da saúde: um estudo descritivo. *Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba*. 2026;28:e66261. doi: 10.23925/1984-4840.2026v28a8.



Todo conteúdo desta revista está licenciado em Creative Commons CC By 4.0.

(In)visibilidade do transtorno do espectro autista entre os cursos da área da saúde: um estudo descritivo

(In)visibility of autism spectrum disorder among students in the health area: a descriptive study

Milena Babugia Pinto,¹ Vinícius Taekeshi Ebihara,¹ Kamilly Vitória de Siqueira,¹
Bianca Gonçalves Castilho,¹ Carmem Patrícia Barbosa¹

Dados pessoais

Iniciais do seu nome

Você é:

() Estudante da área da saúde

() Profissional da área da saúde

Qual é o seu curso?

Em que ano / período do curso está na graduação?

Caso seja profissional da saúde, em que área você trabalha?

Qual a sua idade?

Anexo. Questionário de avaliação

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Maringá (PR), Brasil.

Autora correspondente: Carmem Patrícia Barbosa

UEM – Av. Colombo, 5.790, Zona 7, CEP.: 87020-900 – Maringá (PR), Brasil.

E-mail: cpbarbosa@uem.br

Recebido em 15/04/2024 – Aceito para publicação em 04/02/2026.



1. Você considera o TEA um tema importante para ser abordado durante a graduação?
☐ Sim
☐ Não
2. Você acredita que, durante a graduação, adquiriu conhecimento suficiente sobre o cuidado a pessoas com TEA?
☐ Sim
☐ Não
3. Em sua graduação, qual foi a profundidade das informações abordadas sobre o TEA?
☐ Foi abordado de forma superficial
☐ Contemplou detalhes sobre o conceito de autismo
☐ Contemplou detalhes sobre o diagnóstico
☐ Ensinou sobre as terapias vigentes
☐ Foi contemplada a questão das políticas públicas vigentes ou em formação
☐ Foi contemplada a dimensão familiar envolvida
☐ Foram contempladas as dificuldades da inclusão social
4. Você já teve alguma experiência pessoal / profissional com alguém com TEA?
☐ Não
☐ Tenho familiar com esse transtorno
☐ Tenho amigo com esse transtorno
☐ Apenas profissionalmente
5. Você sente-se seguro(a) para atuar com essa população nos diferentes contextos da saúde?
☐ Sim
☐ Não
6. Você acredita que existam estereótipos acerca da população com TEA?
☐ Sim
☐ Não
7. Se respondeu “sim” à pergunta anterior, cite um exemplo.
8. Você acredita que pessoas autistas podem viver em sociedade e ter relacionamentos?
☐ Sim
☐ Não
☐ Sim, com adaptações.
9. Você sabe quais os principais sintomas e níveis do espectro autista?
☐ Sim
☐ Não
10. Se respondeu “sim” à questão anterior, cite alguns exemplos.
11. Em uma escala de 0 a 10, o quanto você entende sobre o Transtorno do Espectro Autista, sendo 0 o menor valor possível e 10 o maior?
☐ 0 ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10

Este questionário foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas Humanas (CAAE: 72981323.7.0000.0104) e baseado nos seguintes estudos:

1. Camelo IM, Camelo EC, Neves KRT, Aragão GF. Nursing students' perception of autism. *Enferm Foco*. 2021;12(6):1210-6. doi: 10.21675/2357-707X.2021.v12.n6.4890.
2. Campos TF, Braga RGN, Moura LN, Queiroz ERB, Guedes TAL, Almeida LHA. Análise da importância da qualificação dos profissionais de saúde para o manejo do Transtorno de Espectro Autista (TEA). *Res Soc Dev*. 2021;10(6):e32910615667. doi: 10.33448/rsd-v10i6.15667.
3. Ferreira ACSS, Franzoi MAH. Knowledge of nursing students about autistic disorders. *Rev Enferm UFPE on line*. 2019;13(1):51-60. doi: 10.5205/1981-8963-v13i01a237856p51-60-2019.
4. Rezende LO, Petroucic RT, Osta RFA, Monteiro MA. Conhecimento sobre transtorno do espectro autista entre profissionais da atenção básica de saúde. *Manuscripta Med [Internet]*. 2020;3:31-9. Disponível em: <https://manuscriptamedica.com.br/revista/index.php/mm/article/view/42>

Anexo. Questionário aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas Humanas



Todo conteúdo desta revista está licenciado em Creative Commons CC By 4.0.